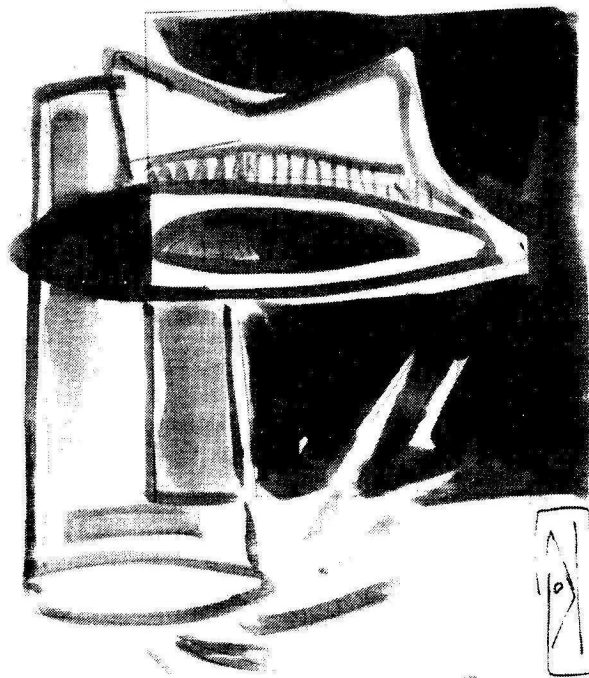


Mudança e retrocesso

Josaphat Marinho

A vida é feita de constantes e mudanças. Assim se desdobra o destino do homem, entre a necessidade de permanecer, para resguardar sua identidade, e o anseio de transformar-se, em busca de atualização e aperfeiçoamento. Esse processo da existência racional não é fácil, pelo contraste frequente da relação subsistir e variar. Comumente, o que persiste com força, reage ao elemento nascente. A luta natural entre ser e sucumbir gera tensão determinante de modificações irresistíveis, umas como prolongamento da personalidade, outras em forma de renovação dela. O fenômeno é resumido na luminosa sentença de Rui Barbosa: "No mundo moral como no mundo físico, todas as cousas mudam sempre, sobre uma base que não muda nunca".

Porém há mudar e mudar. Mudar apurando e mudar renegando. Mudar progredindo e mudar retrocedendo. Neste fim de século, sobretudo após a queda dos regimes comunistas, há que distinguir as mudanças apregoadas, para correção de equívocos em curso. Conservadores se proclamam progressistas e progressistas são chamados de conservadores. O avanço e o atraso, em verdade, não estão nas designações, que se dão, mas na qualidade das idéias que defendem. Quando preso, por longos meses, durante o Estado Novo, sem receber explicação nem ser ouvido, Otávio Mangabeira dirigiu carta enérgica ao general Eurico Dutra, ministro da Guerra e condestável do regime. Com a simplicidade que fulmina o artifício, escreveu-lhe "copo é copo, chapéu é chapéu. Se se der ao chapéu o nome de copo e ao copo o nome de chapéu, o copo continua copo e o chapéu continua chapéu, tão certo é que



o rótulo não muda a natureza das coisas". E brandiu o ferro em brasa: chamem-lhe de Estado Novo, Estado nacional, Democracia autoritária, isso que está aí é simples revivescência das ditaduras sul-americanas.

É o que agora ocorre com os neoliberais, e seus aliados, que pretendem subverter conceito e a realidade. Carregando a urna mortuária dos regimes comunistas europeus, erguem a bandeira da livre iniciativa e do livre mercado, como se as idéias sociais e socialistas estivessem também recolhidas entre aqueles restos mortais. Ora, o que se sepultou no leste europeu foi o chamado "socialismo real", com que os comunistas identificavam o seu sistema de governo. O ideal social ou socialista, na moldura da democracia, não se confunde com aquela diretriz de arbítrio, antes sustenta o princípio de igualdade aliado ao de liberdade. Fundem-se os dois valores, a liberdade e a igualdade, para que o homem, fortalecido, tenha as mesmas oportunidades de benefi-

ciar-se das vantagens da civilização. No quadro do pensamento social e socialistas, não há direitos nem vantagens que não possam estar condicionados ao interesse público. Livre iniciativa não é ação absoluta, desprezado o limite necessário do poder da autoridade, dentro da lei. Economia de mercado não pode ser o campo sem vigilância da especulação privada. A vida humana é convivência, e como tal indispensavelmente sujeita a freios comuns, que asseguram a igualdade na divergência.

A queda do muro de Berlim e os destroços dos sistemas comunistas não tiveram o condão de mudar a natureza das coisas, nem a noção exata de justiça social e liberdade.

Para que haja liberdade real e justiça social é imperioso que exista o Estado juridicamente forte, como força reguladora das ações de todos e redutora dos excessos dos mais gananciosos. Pretender o Estado serviço do poder econômico é proteger o dinheiro e abandonar o homem. A sociedade não foi construída, porém, para o dinheiro, e sim como a estrutura maior destinada a garantir bem-estar a todos os indivíduos. O Estado é o órgão da sociedade a que cumpre a alta responsabilidade de ordenar as relações, para que não haja livres e escravos, poderosos e miseráveis, explorados e exploradores. Se o Estado já não cumpre bem essa tarefa, pior será se enfraquecido no seu poder de comando, como quer o neoliberalismo. De qualquer modo, o povo, à luz dos fatos e do procedimento das pessoas, é que vai apontar o conservador e o progressista. Como no Estado Novo, ninguém passará copo por chapéu.

Senador e professor titular da Universidade Federal da Bahia